

Revista Eletrônica da Associação dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do Distrito Federal (ABDF)



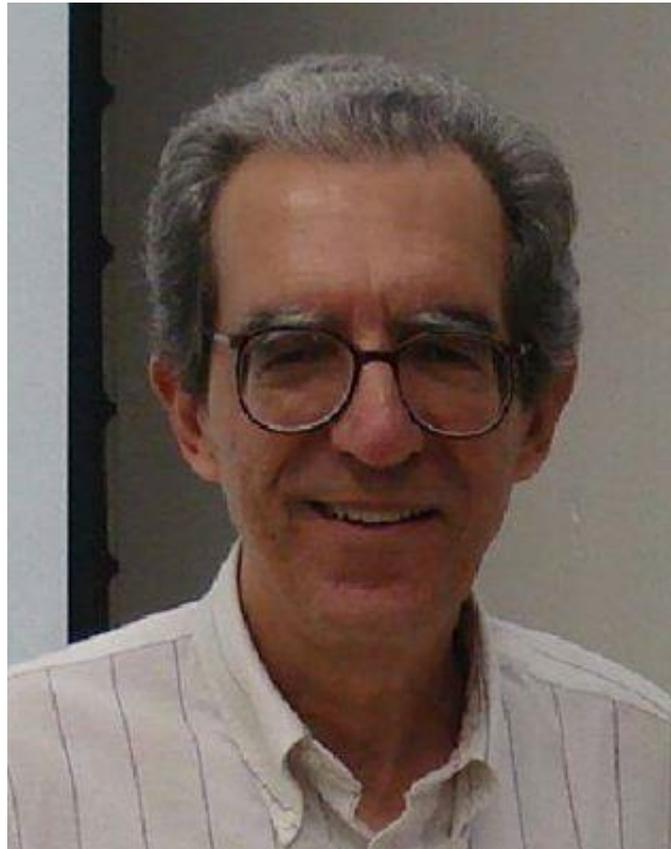
Todo o conteúdo desta revista está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Fonte: <https://revista.abdf.org.br/abdf/article/view/194>. Acesso em: 31 out. 2023.

#### Referência

Cunha, Murilo Bastos da. Entrevista. **Revista Eletrônica da Associação dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do Distrito Federal**, [S.l.], v. 6, p.5-25, 2022. Disponível em: <https://revista.abdf.org.br/abdf/article/view/194>. Acesso em: 31 out. 2023.

## ENTREVISTA<sup>1</sup>

### MURILO BASTOS DA CUNHA



É graduado em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB, 1968), mestrado em Administração de Bibliotecas pela Universidade Federal de Minas Gerais (1978), doutor (Ph. D.) em Library Science pela Universidade de Michigan (EUA,1982). Professor titular aposentado da UnB, professor permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UnB, líder do Grupo de Pesquisa sobre Biblioteca digital (UnB-FCI). Foi presidente da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal e do Conselho Federal de Biblioteconomia. Na UnB

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada remotamente por Fábio Lima Cordeiro e Maria Tereza Machado Teles Walter, em 31/10/2022.

ocupou os cargos de diretor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, chefe do Departamento de Ciência da Informação e Documentação e Diretor da Biblioteca Central (em dois períodos). Publicou os livros: *Uso de informações científicas e técnicas no Brasil*, com Victor Rosenberg (1983); *Bases de dados e bibliotecas brasileiras* (1984); *Documentação de hoje e de amanhã*, com Jaime Robredo (1986 e 1994); *Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia* (2<sup>a</sup>. ed., 2016); *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia* (2008), com Cordélia R. O. Cavalcanti; *Manual de fontes de informação* (2<sup>a</sup>. ed., 2020); *Manual de estudo de usuários da informação* (2015), com Sueli Amaral e Edmundo Dantas. Atua na pesquisa e docência nas áreas de informação científica e tecnológica, biblioteca digital, estudo de usuários e biblioteca universitária. Editor da *Revista Ibero-americana de Ciência da Informação* [<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/index>]; editor do blog *Biblioteca do Bibliotecário*.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Fonte: Plataforma Lattes.

**Revista Eletrônica da ABDF.** A Revista Eletrônica da ABDF, em sua Seção Vale a Pena Ler de Novo, republica, neste número, seu texto, de 1984 intitulado “Desenvolvimento profissional e a educação continuada”. Pela sua percepção, mudou alguma coisa nessas formas de promoção ou facilitação do processo de educação continuada? Algumas delas não fazem mais sentido? Perderam a eficácia? Vieram outras? O que aconteceu nesse período, em relação à educação continuada dos profissionais da informação?

**Murilo Bastos da Cunha.** Inicialmente gostaria de agradecer o convite dos colegas da nossa Associação. Ter condições de conversar com vocês é muito bom, principalmente depois dessa pandemia. Estamos bastante afastados da vida de profissional e isso é muito ruim, porque o contato presencial é vital para todos nós. Afinal somos seres humanos! Não somos robôs, nem algoritmo de computador.

Em relação ao artigo republicado, estive olhando hoje e consegui a cópia na BRAPCI<sup>3</sup>, excelente base de dados, feita pela Universidade Federal do Paraná, mas como a qualidade e a legibilidade não são muito boas, o que, provavelmente, prejudica o acesso por parte dos leitores. Aliás, seria interessante que a RBB<sup>4</sup> fosse escaneada em local alternativo<sup>5</sup>, porque ela ocupa um papel importantíssimo e foi a terceira revista impressa no Brasil. Tem um pioneirismo importante. Segundo me lembro, no editorial do primeiro número, volume um número um, eu era o secretário da Revista, e juntamente com o Briquet<sup>6</sup> e o Aníbal<sup>7</sup>, nós

---

<sup>3</sup> NE BRAPCI - Base de Dados em Ciência da Informação. Para saber mais: <https://brapci.inf.br/index.php/res/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

<sup>4</sup> NE: RBB - Revista de Biblioteconomia de Brasília. Para saber mais: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/about>. Acesso em: 14 nov. 2022.

<sup>5</sup> NE: Existe um projeto conjunto entre a Biblioteca da Universidade de Brasília (BCE/UnB) e a ABDF, em andamento desde 2019, para digitalização da RBB, que sofreu atrasos devido à pandemia, mas segue sendo executado.

<sup>6</sup> NE: Briquet - Antônio Agenor Briquet de Lemos. Para saber mais: <https://biblioo.info/briquet-de-lemos-encerra-atividades/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

<sup>7</sup> NE: Aníbal: Aníbal Rodrigues Coelho. Para saber mais: <http://crb1.org.br/mrb/anibal-rodrigues-coelho/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

gerenciávamos a revista à época, com toda a dificuldade. Hoje é bem mais fácil, mesmo tendo algumas dificuldades, mas foram ampliadas a coleta de artigos, revisão, controle administrativo pelos avaliadores etc. Então isso facilitou, mas complicou com certa razão.

Mas, em relação ao artigo achei que ele está válido, mesmo 38 anos depois. É claro que algumas coisas mudaram, mas o bojo, o cerne do artigo, permanece. Primeiro: a necessidade de o profissional fazer a sua educação continuada. Hoje isso é condição *sine qua non* para a sobrevivência profissional, principalmente com as novas tecnologias. O profissional tem que acompanhar diuturnamente, porque tem muitas novidades, principalmente na área da informação digital e a ampliação do escopo da profissão. 38 anos atrás, praticamente éramos focados na biblioteca, quer dizer, o profissional estava muito ligado à instituição de biblioteca. Hoje existem outras tarefas fora da biblioteca. Aliás, as escolas e associações deveriam ter maiores ações de educação continuada. Se eu me lembro bem, competia, primeiramente ao profissional. Ele não pode ficar aguardando de braços abertos em berço esplêndido, invocando o nosso hino, esperando que as coisas passem e venham até ele. Muito pelo contrário! Tem que ir atrás!

Tem também o papel das escolas de Biblioteconomia. As escolas, por definição, as universidades, não conseguem acompanhar a dinâmica do mercado; São dinâmicas diferentes. E o papel que vejo da escola, no ensino, é mais uma formação mais crítica. Dar um ferramental teórico para que o futuro profissional possa safar-se das situações, escolhendo uma opção A ou B ou a C. Outro papel importante também, é da Associação. Acho que a nossa ABDF precisa retomar coisas antigas que nós tínhamos e abrir novas frentes. Quando eu falo ABDF, o Conselho também tem o seu papel. Depois vou citar algumas coisas para o Conselho.

Pela facilidade trazida pela internet, nós estamos aqui utilizando uma ferramenta fantástica, poderíamos ter aqui um curso *online* sobre os mais diversos assuntos. O ensino a distância hoje é uma realidade e, aliás, está crescendo mais do que o ensino presencial, o ensino tradicional. E é interessante

que a própria Lei nº 4.084<sup>8</sup> tem lá um tópico que diz que não será permitido o ensino por correspondência, naquela época se falava correspondência. Quer dizer, esse item não poderia vigorar tranquilamente nos tempos atuais.

Então, vejo que a Associação tem um papel importante e que tem que ter uma ligação mais entrosada com a Universidade de Brasília. Por quê? Tentar verificar, de acordo com as características dos docentes atuais quais são as temáticas de interesse para os profissionais de Brasília. Mas quando falo profissional de Brasília, hoje com a internet, você pode ter, à semelhança da votação que nós tivemos ontem<sup>9</sup>, mais de 700.000 brasileiros não estavam presentes no território brasileiro e votaram, exercendo o seu direito, usando a votação no exterior. Então ao falar aqui que o local obviamente deve ser dos profissionais do Distrito Federal, mas tem toda uma clientela inexplorada que poderia ser utilizada, inclusive para carrear recursos financeiros para o cofre da ABDF. Esses cursos poderiam ser de forma gratuita, ou cobrada, ou tendo apoio, verificando junto ao Conselho, que poderia participar um pouco mais e dar alguns insumos, não só cadastrais, mas também de características dos profissionais, porque tem colegas que estão desempregados e teriam, talvez, certa dificuldade em arcar com os custos do curso a distância.

Nós tivemos, lembro inúmeros cursos presenciais, usando, inclusive, a estrutura das salas da nossa Faculdade, antigo departamento, hoje Faculdade. Então o que estou sugerindo é um maior entrosamento entre Conselho, Associação e UnB. Claro que poderia, também, haver cooperação com outras Associações, a nossa vizinha de Goiânia poderia também participar. Inúmeros profissionais que teriam, talvez, interesse em realizar esses cursos. Outra questão do ensino a distância a exemplo de cursos maiores ou menores, então, isso poderia ser feito.

---

<sup>8</sup> NE: Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Para saber mais: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/14084.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%204.084%2C%20DE%2030%20DE%20JUNHO%20DE%201962.&text=Disp%C3%B5e%20s%C3%B4bre%20a%20profiss%C3%A3o%20de%20bibliotec%C3%A1rio%20e%20regula%20seu%20exerc%C3%ADcio..](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14084.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%204.084%2C%20DE%2030%20DE%20JUNHO%20DE%201962.&text=Disp%C3%B5e%20s%C3%B4bre%20a%20profiss%C3%A3o%20de%20bibliotec%C3%A1rio%20e%20regula%20seu%20exerc%C3%ADcio..) Acesso em: 14 nov. 2022.

<sup>9</sup> NE; O Prof. Murilo referiu-se ao segundo turno das eleições brasileiras, ocorrido no domingo, dia 30/10/2022.

A própria Universidade Federal do Rio de Janeiro... Lembro que participei, ajudando na montagem de cursos a distância que eles passariam a oferecer através da Universidade Aberta do Brasil, especialmente de disciplinas na área de bibliografia e referência. Não sei depois se isso foi adiante ou não, mas é um projeto interessante. O curso à distância do Rio de Janeiro seria feito em conjunto com a Universidade Aberta do Brasil, não sei se isso foi explicitado, mas até o Conselho Federal de Biblioteconomia colaborou nesse projeto. Essa é uma atividade importantíssima.

Então vocês notam que o quê estou propondo aqui nesse nosso bate-papo de hoje, a palavra-chave seja "cooperação". Uma andorinha só não faz verão. É importante verificar quais são as potencialidades que nós temos aqui no Distrito Federal, verificar com os colegas de Goiânia e localizar os profissionais fora do Distrito Federal que poderiam colaborar e montar cursos mais rápidos de 20 horas, 30 horas ou uma extensão maior, dependendo da temática, pois tem algumas que exigiriam um quantitativo de horas maior do que outras. Vejo um enorme potencial que a Associação, o Conselho, poderiam executar. É claro que tem o *marketing*: quem for associado da ABDF vai ter um desconto de X, que é para estimular o ingresso de maior número de associados. Essa parte poderia ser feita.

A outra parte é a editorial. Infelizmente com o fechamento da Editora Briquet de Lemos Livros<sup>10</sup>, que depois de tantos anos cansou dessa atividade, porque praticamente ficou sozinho a vida inteira naquela Editora. Temos pouquíssimas editoras na nossa área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Então temos que estimular, de repente, convênios entre a Editora da UnB<sup>11</sup>, a ABDF, a Faculdade e até o Conselho entrando também nessa área. Por exemplo, poderia o próprio Conselho estimular, com recursos, a captar conteúdos ligados a ética profissional, a legislação profissional, enfim, algo ligado à missão do Conselho, para também não ter problemas

---

<sup>10</sup> NE: Briquet – Antônio Agenor Briquet de Lemos. Para saber mais: <https://biblioo.info/briquet-de-lemos-encerra-atividades/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

<sup>11</sup> NE: Editora da UnB, para saber mais: <https://editora.unb.br/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

depois com o TCU<sup>12</sup>. E atividades de coedição. Tem pouquíssimo material sobre ética profissional. Não tem nenhum livro que eu conheça que fale da ética profissional, especificamente no livro.

Há muita coisa que pode ser feita e de forma cooperativa. Eventos, que também lembro de ter comentado no artigo. Evento é uma forma de congregar os profissionais. Dá muito trabalho, já organizei inúmeros eventos, mas é uma atividade que faz um certo agito positivo e aumenta o otimismo dos profissionais de uma determinada região. Os nossos Congressos Brasileiros de Biblioteconomia que são organizados pela FEBAB<sup>13</sup>, pois são de competência dela, claro, mas poderia ter, como tinha antigamente, as Jornadas Rio-Grandenses de Biblioteconomia. Nós fizemos vários, aqui pela ABDF, e acho que poderíamos tentar fazer algo nesse sentido. Podem ser eventos mais gerais ou eventos focados numa determinada temática, isso teria que ser visto. Isso é uma forma, inclusive, de aumentar o ingresso financeiro para a Associação.

Sei que toda Associação tem problemas de recursos financeiros. Infelizmente a Associação mais antiga, a Associação Paulista de Bibliotecários, criada em 1938 pelo Rubens Borba de Moraes<sup>14</sup> fechou. Vejo, com extrema dificuldade, não só a sobrevivência da ABDF, mas também de outras Associações. Por que isso? Porque tem N fatores, um deles é que o número de profissionais ainda é pequeno comparado com outros profissionais, não é verdade? Aqui em Brasília, hoje, nós devemos ter menos de 3.000 profissionais. Não tenho essa estatística mais recente, mas deve estar em torno de 3.000. É muito pouco comparado com as outras profissões. Temos, então, que ter algumas atividades de ingresso de recursos financeiros para ajudar a diminuir as dificuldades financeiras da Associação. E é claro que ao fazer as suas atividades, estaremos colaborando com a educação do profissional.

---

<sup>12</sup> NE: TCU – Tribunal de Contas da União. Para saber mais: <https://portal.tcu.gov.br/inicio/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

<sup>13</sup> NE: FEBAB: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições. Para saber mais: <https://febab.org/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

<sup>14</sup> NE: Rubens Borba de Moraes, para saber mais: <https://bibliofradacaixa.com.br/index.php/2021/04/02/rubens-borba-de-moraes-biografia/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

**Revista Eletrônica da ABDF.** De todos esses agentes citados, as Associações, os Conselhos, escolas de Biblioteconomia, literatura técnica, etc., na sua visão, nesses últimos 30 anos, quais foram mais importantes e relevantes nesse processo formativo de educação continuada dos profissionais?

**Murilo Bastos da Cunha.** Acho que, talvez, o que salta aos olhos, é a qualidade e o crescimento das nossas revistas profissionais. No último editorial que fiz para a Revista Ibero-americana de Ciência da Informação<sup>15</sup>, editada pela FCI<sup>16</sup>, listei cerca de 60 revistas correntes. Utilizei como parâmetro para corrente as revistas que tiveram publicação nos últimos 5 anos, de 2018 a 2022. Com isso cheguei ao quantitativo de 59, o que não é pouca coisa! Isso quer dizer que houve um crescimento de publicações de informação mais atualizada, porque o artigo de periódico ainda é o tipo de documento mais atual. Isso é positivo! Infelizmente nós tivemos algumas revistas que fecharam, é o caso da nossa RBB. A gente sabe das dificuldades inerentes da publicação de uma revista. Mas, felizmente, a nova revista ABDF surgiu e pode preencher essa lacuna.

Também a expansão do ensino de graduação. Durante muito tempo, no Centro Oeste, nós só tínhamos o nosso curso de Biblioteconomia da UnB. Hoje temos vários cursos: Rondonópolis, em Mato Grosso e de Goiás que, aliás, foi criado com o estímulo da ABDF. Isso aqui é importantíssimo! A ABDF e o Conselho Federal de Biblioteconomia, na época eu presidia o Conselho, contactamos o reitor da Universidade Federal de Goiás da época num evento que fizemos em conjunto em Goiânia. E, a partir daí, houve interesse da reitoria e criou-se uma comissão e um antigo colega, já falecido, Lacerda, nascido em Goiânia, e teve um papel importantíssimo nesse contato com o reitor da Federal de Goiás.

---

<sup>15</sup> NE: Revista Iberoamericana de Ciência da Informação (RICI). Para saber mais: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/index>. Acesso em: 15 nov. 2022.

<sup>16</sup> NE: FCI – Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Para saber mais: <http://www.fci.unb.br/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

O crescimento das escolas facilitou muito a difusão da profissão e também a educação continuada. Houve, igualmente, o crescimento do número de associações. Já até já falei algumas vezes que o movimento associativo brasileiro precisa de uma

mexida. No meu entender não se deve continuar mais as associações só focadas num estado, que é caso da ABDF. Acho que a FEBAB, à semelhança de outras sociedades científicas, outras associações nacionais, deveria ter um escopo nacional e ter sessões de cada estado; e verificar o mecanismo de pagamento de anuidade, à semelhança dos Conselhos Federal e Regionais de Biblioteconomia, essa anuidade deveria ser parte para a sede nacional, parte para a sede estadual. Com isso nós melhoraríamos a fonte de receita para as nossas Associações. Imagina, por exemplo, a Associação dos Bibliotecários do Piauí: deve ter menos de 200 profissionais existentes e isso não dá para manter uma sala locada, não dá para pagar uma secretária, nem em tempo parcial, não dá para pôr um contador, não dá para pagar o imposto de renda, luz, água, etc. e tal, pagar condomínio. Quer dizer, manter uma Associação aberta tem despesas correntes que precisam ser feitas. Precisaríamos discutir e a FEBAB não deveria demorar a fazer essa mexida, porque tem Associações que têm um maior número de profissionais, é o caso nosso aqui, o Distrito Federal deve ter em torno de 3.000 profissionais, então o Distrito Federal tem em torno de 3.000, não sei quantos profissionais tem hoje a ABDF inscritos.

**Revista Eletrônica da ABDF.** A Associação tem menos de 100 e o total de profissionais do no Centro Oeste inteiro é de cerca de 1.500. No Distrito Federal eram 900 e pouco, quase 1.000, Mato Grosso tem cerca de 110, Mato Grosso do Sul quase 100 e Goiás tem quase 400.

**Murilo Bastos da Cunha.** Uma coisa que introduzi na minha primeira gestão, pois fui presidente por duas gestões, foi distribuir, a cada seis meses, uma lista dos bibliotecários por estado. Eu não sei se isso continua a ser feito, mas é importantíssimo para a gente ter ideia da distribuição espacial dos profissionais ao longo do tempo. E, obviamente, serviria de pesquisa: determinado estado a curva é ascendente de crescimento ou está reduzindo? Se está reduzindo, você vai fazer

campanha para estimular o curso de Biblioteconomia para que se inscreva um maior número de candidatos e assim por diante. Essa estatística dos profissionais é vital para inúmeros estudos que poderiam ser feitos. Ao começar a fazer cursos, ofertar cursos, acho que seria um atrativo muito importante no crescimento do número de profissionais registrados.

**Revista Eletrônica da ABDF.** Sua percepção em relação à quantidade de pessoas que entra no curso, se forma e entra no mercado de trabalho, esses profissionais buscam continuar a educação, ou apenas uma parcela muito pequena?

**Murilo Bastos da Cunha.** Hoje a concorrência profissional é maior, não é verdade? Há 30, 40 anos você se formava e tinha emprego quase que garantido. Hoje o número de profissionais é bem maior e os concursos foram reduzidos. Houve redução do quantitativo de funcionários públicos, o que tem sido uma política nos últimos anos, a gente sabe disso. Com isso aumentou a concorrência entre os profissionais, que não ingressaram no serviço público ou Federal, ou estadual. Falo em serviço público porque o grande mercado aqui no Distrito Federal ainda é o serviço público, diferentemente de Rio, São Paulo, Belo Horizonte. Temos essa característica, que é inerente à capital federal.

A concorrência aumentou e isso faz com que os profissionais tenham essa preocupação em estar se atualizando, porque senão não passarão em concurso, ou quando houver, no caso de CLT<sup>17</sup>, concursos mais pelos títulos, pode ser que a entrevista seja focada numa área importante da Biblioteconomia para aquela instituição e se o candidato não souber responder, vai ser difícil de ser contratado. Então a concorrência é a alma do negócio, já que estamos em um país capitalista, ou, pelo menos, a gente acha que é. E isso também se aplica na área profissional, a todos os profissionais.

---

<sup>17</sup> NE: CLT – Consolidação das Leis do Trabalho. Para saber mais: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm). Acesso em: 16 nov. 2022.

**Revista Eletrônica da ABDF.** Os empregos com vínculos formais parecem tender a decrescer. A atual presidente da ABDF, Luciana Oliveira, que está em sua segunda gestão, tem tentado oferecer cursos, mas existem algumas barreiras: às vezes, mesmo quando ela faz promoção, não consegue um número de pessoas suficiente para fechar uma turma. Que mecanismos seriam importantes para que esses profissionais conseguissem realmente prosseguir no aprendizado?

**Murilo Bastos da Cunha.** Bom, primeiramente como antigo professor de estudos vários, acho que precisa ser feito um levantamento das necessidades de educação continuada no âmbito do Distrito Federal. Que áreas, que assuntos seriam mais demandados.

Isso poderia ser feito sob dois enfoques: o enfoque do profissional e o enfoque do diretor-chefe da biblioteca. Porque o diretor-chefe da biblioteca saberá dizer quais são as deficiências que percebe e o profissional também poderia mencionar as próprias deficiências e dizer que gostaria que houvesse cursos no assunto X, Y e Z. Então pode ser que haja uma sinergia, uma coincidência entre o gestor e o profissional.

Também vale a pena mencionar que quase todo mês tem pessoas pedindo indicação de um profissional na área de biblioteca digital que possa implantar o DSpace. De vez em quando perguntam se conheço algum bibliotecário que poderia dirigir a revista que pretendem criar, ou dirigir a revista que editam usando os novos programas, como o OJS<sup>18</sup>.

Têm surgido novos nichos de mercado e não há uma oferta de educação continuada sobre aquele assunto. Citei exemplos aqui, mas poderiam aparecer outros sobre indexação, sobre informação jurídica, sobre acesso a bases de dados jurídicos e aqui lembraria que não citei até agora, nós precisamos ter pactos com a indústria da informação, com as empresas de informação, com as empresas de

---

<sup>18</sup> NE: OJS – Open Journal System. Para saber mais: <https://ojsbrasil.com.br/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

indexação de informação jurídica, com as empresas de automação de bibliotecas, com as empresas fornecedoras de equipamentos e insumos para bibliotecas. Isso é feito, por exemplo, pela American Library Association (ALA)<sup>19</sup>. Os Congressos da ALA, que fui à inúmeros deles, têm quase 500 estandes, 90 e tantos porcentos ou mais são de empresas que ficam aptas em participar do Congresso da ALA, eventos em que vão 15 a 20 mil profissionais, inclusive do exterior. Temos que contatar e trazer esse pessoal das empresas e os grandes produtores de banco de bases de dados para fazer propagandas. Na RBB nós fizemos. Poucas vezes, mas fizemos propagandas de empresas nas últimas páginas, que é uma forma de ajudar na divulgação delas e de difundir os produtos e serviços. Obviamente, se a gente puder identificar esses profissionais e essas empresas, isso ajudaria bastante. No site da ABDF poderia ter um aviso dizendo que o *site* recebe a colaboração da empresa X, Y e Z, colocar o logo da empresa. Isso ajuda e é uma forma de difusão. Acho que uma mão lavando a outra... uma da profissão e uma das empresas que colaboram com aquela profissão, não sei, eu acho que muita coisa pode ser pensada. Não sou especialista em marketing, mas alguma coisa poderia ser feita nesse sentido. Olhando exemplos feitos no exterior, poderíamos copiar aquilo que funciona e poderia ser feito no nosso contexto brasileiro.

**Revista Eletrônica da ABDF.** A pandemia acelerou o processo de automação de muita coisa em relação à prestação de serviço, manteve bibliotecas fechadas, algumas das quais não serão reabertas. Além da diminuição da oferta de posições, enfrenta-se também a precarização das relações trabalhistas. Nesse contexto tem a educação continuada. Então como é que se coloca a questão da educação continuada nesse mundo que é mais complexo, mais competitivo e com menores recursos financeiros?

---

<sup>19</sup> NE: American Library Association. Para saber mais: <https://www.ala.org/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

**Murilo Bastos da Cunha.** A pandemia foi uma grande lição para todas as profissões e para todas as instituições também. Por exemplo, na área médica, o Conselho Federal de Medicina era contrário à consulta *online*, mas foi forçado a mudar. Mudaram.

No caso das bibliotecas, acho que nós fomos pegos pelo contrapé. Por quê? Vamos ser sinceros: a maioria das bibliotecas brasileiras não tem sistema de automação e quando utilizam algum *software* livre de automação, ele é local, não está disponibilizado na internet. Isso faz com que o usuário não tenha acesso, não possa escolher, reservar uma obra, devolver, depois receber um aviso que o livro foi devolvido e assim por diante. Até fiz, em conjunto com uma ex-orientanda minha, um trabalhinho que saiu recentemente na revista digital da Unicamp<sup>20</sup>, sobre quatro bibliotecas universitárias de Brasília e de como se comportaram durante a pandemia.

No início foi aquele pandemônio: fechou e agora? O que fazemos? Depois começaram a usar e-mail, Skype, redes sociais. Divulgavam as bibliotecas pelas redes sociais, vamos fazer plantão para atender qualquer pedido. As bibliotecas foram forçadas. Havia demandas reprimidas e tiveram que dar solução. Felizmente, essas quatro conseguiram fazer algumas atividades, porque são bibliotecas excelentes, de universidades daqui de Brasília, inclusive a UnB e três privadas. Mas nem todas têm as condições tecnológicas e de recursos humanos para poder serem mais ativas, mais dinâmicas. A maioria de fato fechou e aí vimos a importância da automação das bibliotecas, da necessidade de disponibilizar o catálogo das bibliotecas na internet e, de novo, a falta enorme de não termos um catálogo coletivo nacional de livros. O Calco<sup>21</sup> infelizmente não funcionou contento.

---

<sup>20</sup> NE: SILVESTRE, F. M.; CUNHA, M. B. Desafios enfrentados pelas bibliotecas universitárias no contexto da pandemia da covid-19. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 20, n. 2022, 2022. DOI: 10.20396/rdbci.v20i00.8668168 Acesso em: 16 nov. 2022.

<sup>21</sup> NE: Bibliodata/Calco, para saber mais: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/43342>. Acesso em: 17 nov. 2022.

Estava até pensando outro dia, acho que foi 1974 se eu não me engano, que houve o Congresso de Biblioteconomia em Porto Alegre e o Bibliodata estava surgindo e sendo difundido e fiz até um trabalho, encomendado pelo pessoal do Rio Grande do Sul, sobre o ele, à época chamado de Bibliodata Calco, e enfatizei a importância das bibliotecas entrarem no Bibliodata. Isso tem praticamente 50 anos!

50 anos atrás, as bibliotecas tivessem entrado e colaborado com o Bibliodata nós teríamos um catálogo coletivo nacional de livros e teríamos uma redução na catalogação original nas pequenas bibliotecas. Por quê? Simplesmente copiar, fazendo o *download* dos metadados e inserindo no sistema local da biblioteca. O Koha<sup>22</sup> e outros sistemas já fazem isso de forma automática. Mas é aquela briguinha. Lembro que o Governo Federal deu muito dinheiro para a Fundação Getúlio Vargas, eu estava, na época, no PADCT<sup>23</sup>, Kuramoto<sup>24</sup> era o secretário-executivo do PDCT, mas foram alocados recursos, que não foram poucos, para a Fundação Getúlio Vargas comprar equipamentos adequados para sustentar o catálogo coletivo *online*. Infelizmente, a Fundação viu que era muito difícil, aquilo não ia dar dinheiro, numa visão mercantilista, e retornou para o IBICT e, vimos que, até hoje, não funciona a contento. Sei que eles estão fazendo uma atualização tecnológica. Em suma, nós não temos à semelhança que tem nos países como no caso de Portugal, que tem um catálogo coletivo que é gerido pela Biblioteca Nacional, inclui pequenas bibliotecas públicas do interior, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas assim por diante. A Itália tem um catálogo coletivo, a França tem um catálogo coletivo das universidades francesas. Austrália, Canadá... No caso dos Estados Unidos, a OCLC<sup>25</sup> resolve muito bem, inclusive faz também catálogo coletivo de outros países.

---

<sup>22</sup> NE: Koha – Open Software Library System. Para saber mais: <https://koha-community.org/>, Acesso em: 17 nov. 2022.

<sup>23</sup> NE: PADCT - Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, do Ministério da Ciência e Tecnologia. Para saber mais: <https://www.revistas.usp.br/rausp/article/download/180155/166801/458932>. Acesso em: 17 nov. 2022.

<sup>24</sup> NE: Kuramoto – Helio Kuramoto. Para saber mais: <http://lattes.cnpq.br/8778071496682261>. Acesso em: 17 nov. 2022.

<sup>25</sup> NE: OCLC - Online Computer Library Center, Inc. Para saber mais: <https://www.oclc.org/en/home.html>. Acesso em: 17 nov. 2022.

Noto que determinadas decisões políticas não funcionaram muito bem e até hoje prejudicam. Por exemplo, na pandemia. Por que nós estamos discutindo catálogo coletivo nacional? Por causa da pandemia, da Covid. Poderíamos ter saído melhor na pandemia se tivesse um catálogo coletivo, se tivesse centenas de bibliotecas participando do catálogo coletivo e isso ajudaria, por exemplo, como é feito hoje na OCLC, que você pode entrar no Google e verifica os livros X, Y, Z. Qual é a biblioteca mais perto que posso fazer o pedido de empréstimo? OCLC já acertou, há muitos anos, com o Google. Então tem essa possibilidade de localizar, pela geolocalização do usuário e a geolocalização da biblioteca mais próxima do usuário, clica e aparece o endereço, etc. e tal. Quer dizer, a solução tecnológica existe, falta uma competência das nossas Associações, do IBICT, para verificar e isso já deveria ter sido feito. Não é falta de solução tecnológica, eu acho que foi um cochilo das nossas agências bibliotecárias.

**Revista Eletrônica da ABDF.** O conceito de educação continuada mudou com o advento das novas tecnologias?

**Murilo Bastos da Cunha.** A necessidade de educação continuada existe até hoje. O que mudou foram os suportes para auxiliar a educação continuada. Trinta e tantos anos atrás não tínhamos a internet, hoje já temos. Não tínhamos essa parafernália tecnológica como a que estamos usando agora para esse bate-papo a distância. Então a necessidade continua, acho que ela foi agravada pela velocidade das mudanças tecnológicas e aí forçou uma obrigatoriedade por parte do profissional de se atualizar e, jogando essa atualização, uma demanda para as Associações, para as revistas, os cursos, as escolas e assim por diante.

**Revista Eletrônica da ABDF.** Temos agora duas questões relacionadas com o comportamento dos profissionais. A Biblioteconomia da UnB não costuma ser um curso de alta demanda. Isso mudou ao longo dos anos? Por que esse baixo interesse na procura pela profissão?

**Murilo Bastos da Cunha.** A procura continua praticamente a mesma, tem vestibulares que aumenta, vestibulares que diminuem. Anos atrás com a criação do curso de Arquivologia, houve uma grande procura pelo curso. Já formamos algumas gerações de arquivistas. Nos últimos anos, os museólogos. Existe uma necessidade de interação, que não conseguimos ainda, um currículo mínimo básico para as três profissões. Todas elas precisam entender tecnologias da informação para organizar as suas áreas, precisa entender das fontes de informação, precisa entender como descrever o objeto digital, o objeto museológico, como descrever uma correspondência dentro de um arquivo tradicional ou não. Então tem muita coisa comum entre essas três profissões.

É claro que isso leva um certo tempo e algumas escolas no exterior já conseguiram isso com maior velocidade. A nossa ainda precisa trabalhar um pouco mais. Nós tentamos. A professora Suzana Mueller coordenou, tempos atrás, essa junção do currículo mínimo básico para as três profissões, mas, infelizmente, houve uma certa objeção do curso de Arquivologia. De qualquer maneira, isso tem que ser retomado. O nosso curso, atualmente, ele foca, obviamente, nas bibliotecas, mas tem mostrado sempre e, pelas próprias disciplinas, outras opções de abertura no mercado. Quando leciono introdução à biblioteca digital, falo também do periódico eletrônico, que comentei aqui. Isso é uma profissão: o editor do periódico eletrônico, por que não um bibliotecário? Comunicação... Entende de comunicação, mas tem detalhes, minúcias, de como descrever um artigo, como indexar um artigo e isso é próprio da nossa profissão, não é? E outras áreas que estão crescendo, sobre como montar uma base de dados. Acho que o pessoal de informática vem firme quando a gente oferta essas disciplinas, mas sente falta daquele conteúdo da descrição do

conteúdo, descrição do objeto e o que contém esse objeto, e isso é próprio da nossa área.

Vocês notam que o Lancaster<sup>26</sup>, nosso guru, que infelizmente faleceu alguns anos atrás, se não me engano, em 1970, há 50 anos, ele escreveu um artigo no boletim da ASIST<sup>27</sup>, que é uma singela publicação da Associação Americana, falando da desinstitucionalização da profissão. 50 anos atrás o que ele falava? Vai chegar um momento que será focado não mais na biblioteca, mas no documento em si, não importa onde esteja hospedado, se na biblioteca, se na base de dados ou um outro suporte qualquer. Acho que nós estamos começando a entrar nessa área. Gostaria também de citar aqui a parte de páginas *web*: o bibliotecário pode ajudar, no grupo de profissionais habilitados, na atualização das páginas. Sei que tem a profissão de *web design*, mas o *web design* está muito mais focado no aspecto da tecnologia, mas a parte de conteúdo, o bibliotecário, em conjunto com jornalistas e outros profissionais, poderia trabalhar muito bem. Então se nota que, à medida que o tempo vai mudando, vão surgindo novos nichos de mercado, se a gente não ocupar, alguém vai ocupar.

**Revista Eletrônica da ABDF.** Mas por que isso não serve de atrativo para os novos profissionais? Para atrair pessoas para fazer o curso. A questão é muito mais não sobre o que se pode fazer, mas o porquê da não atração por interessados.

**Murilo Bastos da Cunha.** Bom, primeiro tem o aspecto cultural. Poucas são as bibliotecas modelo no Brasil e isso é importante! Quando você entra num hospital,

<sup>26</sup> NE: Lancaster – F. Wilfrid Lancaster. Para saber mais: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3355> e também <https://www.ideals.illinois.edu/items/9549>. Acesso em: 18 nov. 2022.

<sup>27</sup> NE: ASIST - American Society for Information Science. Para saber mais: [https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(1999\)50:11%3C970::AID-ASI3%3E3.0.CO;2-D](https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/(SICI)1097-4571(1999)50:11%3C970::AID-ASI3%3E3.0.CO;2-D) e também <https://www.asist.org/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

num museu moderno, vai no Museu do Amanhã<sup>28</sup> no Rio de Janeiro, você fica entusiasmado, eu quero fazer um museu dessa categoria! É importante, também, por exemplo, o crescimento da Biblioteconomia colombiana com a influência das novas bibliotecas públicas da cidade de Medellín. Foi fantástico!

Nós precisamos ter exemplos de boas bibliotecas. E aqui, não citei, mas li isso e até comentei com a minha esposa que é bibliotecária também, mais uma coisa que nós precisaríamos no Brasil, e que no exterior é comum, nos Estados Unidos e em cidades europeias, que são as visitas orientadas. Lembro que no meu tempo de estudante, Abner Vicentini<sup>29</sup>, foi o meu querido professor de Biblioteconomia, levou uma turma a São Paulo e depois a Belo Horizonte. Em São Paulo, nós vimos a Biblioteca Municipal de São Paulo, a Biblioteca da Engenharia da Politécnica, a Bireme, que estava começando naquela época, as bibliotecas públicas de bairros de São Paulo, que são muito boas. Em Belo Horizonte nós fomos na Biblioteca Estadual, nós fomos da Biblioteca de Medicina, o carro-biblioteca da Escola de Biblioteconomia, então nós temos hoje, mais de 70 anos funcionando o carro-biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG<sup>30</sup>.

Esse tipo de visita técnica poderia ser também um nicho de mercado para não só mandar colegas, caravanas para visitar Rio e São Paulo e outros lugares, mas atrair colegas de outros lugares para visitarem as bibliotecas modelo de Brasília. Por que não? Visitar a Câmara, o Senado, a Biblioteca Nacional, a Biblioteca da UnB, a biblioteca da 104, 304 Sul, que é uma bibliotequinha pequenininha, mas tem uma utilidade fantástica, e assim por diante. A Biblioteca Braille<sup>31</sup> de Taguatinga. Nós temos algumas bibliotecas para mostrar e isso poderia ser feito para atrair olhares

<sup>28</sup> NE: Museu do Amanhã. Para saber mais: <https://museudoamanha.org.br/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

<sup>29</sup> NE: Abner Vicentini. Para saber mais: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1612>. Acesso em: 18 nov. 2022.

<sup>30</sup> NE: UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. Para saber mais: <http://eci.ufmg.br/biblioteconomia/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

<sup>31</sup> NE: Biblioteca Dorina Nowill. Para saber mais: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/biblioteca-dorina-nowill>. Acesso em: 18 nov. 2022.

de outros lugares e mostrar, também, a quem reside aqui em Brasília. Quais são os colegas bibliotecários que conhecem a Biblioteca Braile de Taguatinga? Ou a Biblioteca da Câmara e do Senado? Ou as Bibliotecas da Embrapa? E assim por diante. Então acho que temos muita coisa para mostrar, mas nós precisaríamos fazer isso de uma forma institucionalizada. Isso poderia ser uma atividade de extensão da Faculdade em conjunto com o Conselho e com a ABDF.

Falo isso porque fui professor da disciplina estágio de Biblioteconomia, então tinha que visitar todas as bibliotecas que os estagiários iam participar e praticamente conheci todas. Preciso refazer porque deve ter coisas mais novas agora que eu não conheço ainda. Gostaria de me inscrever na próxima turma para fazer esse tour aí.

**Revista Eletrônica da ABDF.** A Associação congrega 10% dos profissionais do Distrito Federal, o que é muito pouco. O que fazer com relação unindo com a última pergunta, que tem relação com os 60 anos da lei do bibliotecário... Quais são os cenários que percebe, otimista e pessimista, para essa profissão?

**Murilo Bastos da Cunha.** Vejo um otimismo. Caso as escolas se atualizem, caso as Associações sejam mais dinâmicas e caso os Conselhos fiscalizem. Agora, no caso do Conselho é uma extrema dificuldade tendo em vista que em alguns lugares não tem bibliotecário para mandar, e aí acho que uma experiência em gestão que tive, naquela época nós introduzimos até uma resolução sobre o auxiliar de biblioteca, que hoje é o técnico em Biblioteconomia. Nós temos que estimular não só a graduação universitária, mas também a preparação profissional, onde entra a do técnico. Estimular a abertura de mais cursos, difundir, divulgar. O mercado é grande. Mas nós temos que fiscalizar mais junto às autoridades, difundir um pouco mais na imprensa, por exemplo, nossos eventos. Já falei inúmeras vezes, em nossos eventos nacionais temos que chamar autoridades: ministro da educação, ministro da cultura, enfim, escritores. Nos Congressos da ALA, as associações nacionais sempre chamam

personalidades da área educacional, cultural, da política para participar dos eventos. E aí difunde, divulga.

Participar um pouco mais, por exemplo, das feiras: de leitura e do livro que ocorrem em vários lugares. A nossa terminou agora nesse fim de semana. Então a parte do *marketing*, de divulgação é constante. Agora tem um detalhe: isso custa dinheiro! Como é que nós vamos manter? Precisaria ter até um jornalista específico para coletar notícias, conversar com o bibliotecário, ir na biblioteca, preparar a matéria. Lembro que uns anos atrás, o Oscar Brandão, que era da ANABB (Associação Nacional do Banco do Brasil), me falou uma coisa que eu não esqueci: a Associação Nacional, em prol do Banco do Brasil tinha jornalista preparando material sobre economia brasileira, sobre o Banco do Brasil, sobre financiamento, enfim, áreas foco daquele banco, e mandava a maioria das matérias para jornais, televisão e rádio do interior. Por quê? Porque você entrar na pauta do Jornal Nacional não é um negócio trivial. Então você vai comendo pelas beiradas, você vai fazendo a difusão pelo interior e, de repente, alguma notícia torna-se notícia nacional. Notícia local, regional vira uma notícia nacional.

Acho que temos que ter, e talvez o Conselho poderia ajudar, pois tem um maior poder financeiro nesse sentido, ter um jornalista cobrindo, preparando matéria sobre biblioteca, bibliotecário, leitura. Tem N coisas que poderiam ser divulgadas. Falta de bibliotecas, aquela estatística que foi terrível, 600 bibliotecas fechadas! Primeiro precisa ver se foi verídica ou não aquela estatística! Quais são essas bibliotecas? Onde foram fechadas? Em que estado? Será que foi no estado X? Fazer uma visita ao governador, secretário de cultura, secretário de educação e assim por diante, mandar para jornais locais, enfim, você precisa ter um profissional, e aí é o jornalista, que vai fazendo esses levantamentos e preparando essas matérias para depois encaminhar um *press release* para as rádios, para a televisão e jornais. Tem que começar por aí, investir na divulgação.

É o que eu brinco em aula na UnB: a galinha, quando bota o ovo, o que ela faz? Divulga. O pato, quando bota o ovo, não divulga e o ovo do pato é muito mais

substancial do que o da galinha, mas coitado, ele não divulga. Nós somos péssimos em *marketing*! Nós temos que fazer alguma coisa!

**Revista Eletrônica da ABDF.** De todo modo, sua visão é positiva em termos de cenário para a profissão de informação?

**Murilo Bastos da Cunha.** Desde que haja mudanças nas nossas agências bibliotecárias. E no próprio profissional. Também não adianta a agência ser dinâmica e o profissional ser retrógrado, não ter se atualizado e assim por diante. Aí vai prejudicar aquela biblioteca e aquele mau atendimento vai ser o padrão do ponto de vista do usuário "olha, não vai lá porque eles não sabem nada e tal". Isso é muito ruim.

Tem uns 10 anos ou mais, o Conselho Federal de Psicologia, por sugestão minha, à colega Ângela, que era diretora do Instituto de Psicologia da UnB na época e ela era conselheira federal, para abrir uma bibliografia brasileira da psicologia; eles fizeram isso. Faça um repositório das teses e dissertações de psicologia; eles fizeram. Faça um repertório biográfico dos grandes psicólogos brasileiros; eles fizeram. A revista... coloque a Revista do Conselho ou as revistas mais importantes de forma digital; eles fizeram. Porque isso é uma contrapartida à anuidade que a gente paga. Deem uma olhadinha no Conselho Federal de Psicologia, tem coisas interessantíssimas que eles fazem e acho que a gente podia copiar, acho que é um exemplo fantástico e, obviamente, o *marketing* dizendo: "você agora pode desfrutar mais da página do CFB!" Tem que ter alguma contrapartida.

Continuo pagando o Conselho, desde que eu me aposentei, ao completar 70 anos. Estou com 76, mas continuo pagando porque acho que enquanto puder gostaria de contribuir com a nossa profissão. Estou, ainda, exercendo a profissão dando aula de forma voluntária, orientando de forma voluntária e editando revista de forma voluntária. Dá muito trabalho, mas...